

Confidências juvenis femininas negras sobre gênero e sexualidade

RESUMO

Diante de tantas restrições e interdições acerca de temáticas como gênero e sexualidade, este trabalho surge não apenas nesta questão, como também se direciona a como jovens e adolescentes do gênero feminino compreendem este universo. O objetivo do trabalho consiste em analisar como a promoção de diálogos sobre gênero e sexualidade na juventude feminina impacta na formação da sua identidade e demais aspectos que tangem à sua participação social. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de dados coletados em campo, do tipo descritivo, exploratório e interpretativo. Os resultados apontaram para o desconhecimento sobre questões que envolvem a construção da identidade, relacionamentos e exposição a riscos diante das vivências dos seus desejos e da sua sexualidade. Conclui-se a necessidade de escuta dessas confidências, auxiliando na compreensão de um universo particular ao qual pertence cada uma dessas jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Maternidade. Ensino Superior. Ciência.

Savina Evangelista da Silva Mota

E-mail: savinaevangelista60@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7493-0305>
Fundação Oswaldo Cruz
(Fiocruz), Teresina, PI, Brasil

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior

E-mail: paulo_juniorpio@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5493-5376>
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

Elaine Ferreira do Nascimento

E-mail: negraelaine@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1632-9148>
Fundação Oswaldo Cruz
(Fiocruz), Teresina, PI, Brasil

Liana Maria Ibiapina do Monte

E-mail: lianaibiapina@yahoo.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8339-8477>
Fundação Oswaldo Cruz
(Fiocruz), Teresina, PI, Brasil

Maria Luísa Pires da Silva

E-mail: marialuisaps@ufpi.edu.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8703-0277>
Fundação Oswaldo Cruz
(Fiocruz), Teresina, PI, Brasil

INTRODUÇÃO

O feminismo interseccional coloca questões para o século XXI que obrigam toda a sociedade a pensar como os direitos fundamentais que historicamente foram negados às mulheres, baseados em construtos filosóficos, políticos, econômicos, culturais e sociais, e que se desdobram em relações ecológicas e ambientais, forjaram as formas de ser mulher e menina nas diversas sociedades afora. Nesse sentido, as adolescências e as juventudes fazem parte de uma das etapas do desenvolvimento humano, que são, sobretudo, socioculturais, e que em muitas sociedades têm ênfase em determinados aspectos, sendo consideradas como um período de transformações, questionamentos, inquietudes e buscas por entender a si mesmo e ao outro. É preciso recordar a construção de qual adolescência estamos falando, pois, a depender da cultura, do território e da região, essa etapa é experienciada de maneira distinta. Sem dúvida, os modos de vida e consumo, ou seja, o sistema capitalista de exploração, atravessam esse viver, estabelecendo padrões a serem seguidos, ditando, assim, modas, comportamentos, atitudes e maneiras de expressão (Barbosa-Silva; Pereira; Alves, 2021).

As mudanças corporais, entendidas e classificadas como a puberdade, finalizam a infância e colocam os sujeitos em uma nova modalidade do seu crescimento. Inclusive, esse momento pode acontecer antes do esperado, muitas vezes associado a questões psicológicas e emocionais enfrentadas. Assim, faz-se necessário não apenas compreender como acolher esse momento de ruptura, mas também de amadurecimento (Medeiros *et al.*, 2021).

É em meio a essa gama de transformações que a sexualidade se torna uma importante questão a ser compreendida pelas(os) adolescentes e jovens, já que ela inclui o sexo, gênero, identidade, papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, entendimento de si e do outro, intimidade e reprodução. Para as(os) adolescentes e jovens, é um momento de experimentações e descobertas, sendo estas influenciadas pelas relações de poder, questões de gênero, valores, culturas, comportamentos, contextos políticos, econômicos e espirituais, além de questões de raça/cor, territórios, pertencimentos e modelos sociais (Amaral *et al.*, 2017).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência corresponde ao período dos 10 aos 19 anos, enquanto a juventude, dos 15 aos 24 anos. É nesse período que acontecem as mais diversas mudanças biológicas, psicológicas, emocionais e sociais (BRASIL, 2007). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o documento que trata dos direitos de crianças e adolescentes no Brasil, considera a faixa etária entre doze e dezoito anos de idade como a composição da adolescência (Brasil, 1990).

A sexualidade é entendida como um conjunto amplo de manifestações que engloba os sentimentos, desejos, atitudes e as percepções referentes à vida afetiva, sexual, à comunicação e ao vínculo entre os indivíduos. E, para compreendê-la, é essencial destacar que as vivências dos indivíduos estão diretamente influenciadas por aspectos sociais, históricos e culturais. A sexualidade também é influenciada por concepções repressivas e padrões sobre o que é “correto” e “desejável” existentes no meio social (Abreu *et al.*, 2019).

Durante longos períodos, a sociedade estabeleceu formas de vivenciar a sexualidade humana. Muitas delas estão arraigadas a valores morais estabelecidos

pela religião. Assim, esses padrões definiam o que seria um homem e uma mulher, sua posição social e quais comportamentos eram direcionados a cada um deles. As maneiras e formas de expressão dessa sexualidade que fugiam dessas regras eram consideradas transgressões, sendo julgadas e, muitas vezes, chegando até mesmo a ser criminalizadas. Isso compõe uma herança que persiste em muitas comunidades, definindo não só como devem ser os comportamentos de cada pessoa, como também as punições aplicadas perante a fuga dessas normas (Foucault, 2014).

Ao longo da história da humanidade, é tangível que as sociedades, de certa forma, delimitaram direitos e deveres para homens e mulheres. Nas sociedades regidas pelo patriarcado e pelo machismo, as mulheres sempre foram colocadas em uma posição de submissão. Desse modo, tiveram que travar lutas para reivindicar igualdade de direitos, sejam eles políticos, sociais, econômicos e inclusive o direito ao próprio corpo e à sexualidade (Amaral *et al.*, 2017).

Todo esse processo tem relação direta com a sociedade, que se organiza através de um sistema sexo-gênero que busca cercear os direitos das mulheres ao longo de suas vidas. É necessário, portanto, problematizar a partir da perspectiva do feminismo comunitário de Julieta Paredes (2017), mulher indígena boliviana que defende os povos originários de Abya Yala – terra madura, em florescimento –, que representa o continente americano, e do feminismo negro interseccional decolonial de Carla Akotirene (2019), mulher negra, baiana e de axé. Juntas, suas contribuições teóricas e epistemológicas defendem e apontam que há um sistema adultocêntrico de opressão cruzado que é colonial, racista, cisheteropatriarcal e capitalista, que atravessa os corpos de mulheres cis e trans/travestis negras e indígenas, arrasando-as e buscando transformá-las na condição de mercadorias.

Rosenbaum e Sabbag (2020) relatam que as mulheres até hoje enfrentam percalços no que diz respeito à vivência plena da sua sexualidade. Primeiramente, existe um desconhecimento acerca do próprio corpo, das suas ideias e até mesmo dos seus anseios. Atrelada a isso, a interdição que se estabelece pelo feminino dita regras que colocam determinadas experiências no âmbito da problematização. Isso também pode acabar interferindo no cuidado à saúde dessa própria mulher, negligenciando-a e a colocando frente a vulnerabilidades e, também, a reflexos diante do seu bem-estar, não apenas físico como psíquico.

Apesar da necessidade de apoio à transversalidade no ensino, a educação sexual não é priorizada nos currículos e muito menos nas ações e práticas para jovens e adolescentes. Furlanetto *et al.* (2018) apontam que a carência deste cenário produz uma série de consequências a essa juventude, exposta a comportamentos de risco frente à necessidade de expressão e realização dos seus desejos. Com a interdição frente a esse tipo de educação, forjada na moralidade e nos “bons costumes”, a falta de instrução apresenta desafios e percalços ao bem-estar de jovens e adolescentes.

Nesse sentido, Bettoni, Torres e Martins (2022) apontam o alto índice de gravidez na adolescência e a presença de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) – nova nomenclatura estabelecida pelo Decreto nº 8.901/2016 (Brasil, 2016) – devido à falta de acesso a informações de prevenção e cuidado frente às vivências sexuais. Desse modo, esses adolescentes acabam se expondo a riscos sem acesso aos cuidados, desde a rede de saúde até as instruções por parte do meio social/familiar e de espaços educacionais formativos.

Quando esses adolescentes iniciam a maturação biológica, muitas perguntas e incertezas surgem durante este período. Essas questões estão sobrecarregadas de apreensões e medos por parte dessas jovens, as quais, muitas vezes, são barradas nos espaços coletivos e de sociabilização. Isso também se reflete não apenas diante das mudanças corporais, mas em relação às suas identificações e ao reconhecimento das individualidades. Assim, questões de gênero são invisibilizadas, provocando, até mesmo, a reiteração de estigmas, comportamentos e falas discriminatórias. Esses são os maiores motivos desse temor das/os jovens frente ao acesso e às perguntas diante das temáticas que envolvem as suas sexualidades (Nascimento et al., 2020).

Nesta perspectiva, os diálogos contribuem para a efetivação de uma educação sexual que promova significativas mudanças. Dessa maneira, munidos de informações relevantes, conscientes e coerentes, estas/es jovens não apenas se resguardam dessas infecções e da gravidez indesejada, mas também adquirem autoconhecimento e compreensão dos seus desejos. Afirmando, assim, como entendem seu corpo, ideias, valores e afetos (Carvalho; Jardim; Guimarães, 2019).

É pensando nesta perspectiva que esta pesquisa se apresenta, buscando ouvir e compreender confidências de jovens do gênero feminino frente ao debate sobre temáticas pertinentes à construção da sua identidade. Por isso, este artigo tem como objetivo analisar como a promoção de diálogos sobre gênero e sexualidade nas juventudes femininas impacta na formação das suas identidades e demais aspectos que tangem à sua participação social.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com estudo do tipo descritivo, exploratório e interpretativo de dados coletados em campo, por meio de entrevistas semiestruturadas. Participaram do estudo oito moças entre 16 e 18 anos do município de Teresina/PI. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o número de CAAE 84487918.6.0000.8007 e Parecer nº 2.555.605. Trata-se de um estudo desenvolvido no âmbito do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) de uma instituição pública de saúde do município de Teresina/PI. As pesquisadoras que auxiliaram esta interlocução possuem formação em Serviço Social e Psicologia, respectivamente. Participaram do estudo oito jovens do gênero feminino, das quais seis se declararam brancas e duas, negras, em relação à sua raça, além de estarem na faixa etária entre 16 e 18 anos e serem alunas de uma escola da rede pública do município de Teresina/PI. O presente estudo foi realizado no período de agosto de 2020 a maio de 2021, intervalo de duração justificado em decorrência das consequências vivenciadas no cotidiano em razão da pandemia da Covid-19.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e da realização de um grupo focal. Para tal procedimento, foi utilizado um gravador de voz para a obtenção integral da fala das participantes, entretanto, somente após a autorização delas. A pesquisa possui risco mínimo, pois não apresenta riscos maiores às participantes. Contudo, as pesquisadoras envolvidas neste trabalho se colocavam à disposição para dirimir quaisquer intercorrências. O trabalho apresenta como benefícios a construção de mais uma prática investigativa que se debrucha sobre temas que ainda sofrem interdições na sociedade. Propiciar estudos

como estes é possibilitar a construção de políticas públicas que deem retorno à sociedade.

Trabalhou-se com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a condução dos meios éticos necessários à realização de pesquisas com seres humanos. De modo a garantir o sigilo, um dos pontos fundamentais desses preceitos, os nomes das participantes foram substituídos por personagens da série exibida pela TV Cultura, *Confissões de Adolescentes* (1994-1996), criação de Maria Mariana, Daniel Filho e Euclydes Marinho, cujos perfis apresentam questões relacionadas ao foco deste estudo.

Após a transcrição dos depoimentos, estes foram organizados e categorizados como ferramenta de entendimento dos achados da investigação. Os dados foram analisados por meio do método de interpretação de sentidos. Conforme Gomes (2016), essa modalidade permite compreender para além da fala, estabelecendo os significados oportunizados pelos dados e construindo inter-relações de sentidos entre esses lugares de fala e o conhecimento científico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AS ENCRUZILHADAS POSSÍVEIS PARA AS ESCOLHAS DAS INTIMIDADES

Inicialmente, a pesquisa encontrou dificuldades na localização de participantes que visassem colaborar com o estudo. Isso se dá diante da interdição estabelecida frente às temáticas desta investigação. E quando se fala na perspectiva do gênero feminino, é preciso entender que essa problematização advém de séculos de exclusão, submissão, dominação e negação de direitos a essas jovens, ou seja, do que se compreende por ser e estar mulher em nossa sociedade. Além do mais, as confidências relatadas aqui, muitas vezes, são atravessadas por questões e afetos que nem sempre são socializados para além dos seus pares por medo ou receio de julgamentos. Romper esses estigmas e discriminações é mais do que necessário. A partir daí, encontra-se a função social de estudos como este. A partir do momento em que as participantes entenderam o objetivo deste trabalho de ouvi-las, criando um espaço de escuta e acolhimento, demonstrando que elas são importantes, valorizando suas vivências e querendo aprender com o que elas tinham a dizer, foi possível dispor de uma maior participação.

Dialogar sobre gênero e sexualidade ainda é considerado uma interdição em nossa sociedade, mesmo diante de diversos avanços presentes em muitas crenças, valores e ideias disseminadas. Os tempos são de muito conservadorismo, de patrulha e controle; cada vez mais as mulheres cis e trans/travestis não podem ou não conseguem ser donas dos seus próprios corpos e fazer suas próprias escolhas livremente. Nesse sentido, são muitas as encruzilhadas possíveis que possibilitam problematizar uma temática intrinsecamente importante, uma vez que se relaciona com algo íntimo, que pode impactar o conjunto que atravessa outras formações e decisões para a vida dessas jovens, visto que o período da juventude é marcado por intensas descobertas e mudanças biopsicossociais. Assim sendo, “mediante essas transformações a adolescente começa a despertar o interesse em conhecer e experimentar a sua sexualidade, o desejo pelo/pela outro/outra começa a se desenvolver” (Silva; Castro, 2019, p. 4).

Apesar desses retrocessos discutidos anteriormente, as jovens desta pesquisa confidenciam uma luta para mobilizar as engrenagens dessa estrutura machista e misógina, usando suas vozes para potencializar espaços e movimentos, além de se afirmarem. Ocupam espaços, afirmando suas próprias histórias e, acima de tudo, validando seus desejos e experienciando genuinamente a sua sexualidade. No entanto, conforme a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade

é um aspecto central do ser humano ao longo da vida; ela engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais (OMS, 2020, p. 15).

A promoção desse diálogo constrói saberes e conhecimentos que irão colaborar para o processo de empoderamento dessas jovens mulheres, visto que, embasadas em informações confiáveis, elas passam a conhecer seus direitos e a colocar sua autonomia em prática, bem como sua capacidade de alcançar maior poder sobre seus próprios corpos e escolhas (Silva, 2019). O apoio de instâncias relacionadas à saúde, por exemplo, financia ações e atividades que levem a este conhecimento — informação esta não apenas a respeito do seu corpo, mas sobre quais regras cada uma irá estabelecer diante de temas como os direitos reprodutivos. Assim, é de suma necessidade que essas/es profissionais de saúde estejam em consonância com as diretrizes de informação quando se fala da vivência da sua sexualidade (Alves *et al.*, 2021).

Com base nos resultados observados, detectou-se nas falas das adolescentes e jovens a importância e a necessidade de se conversar sobre gênero e sexualidade. As informações acessadas podem ser consideradas instrumentos de proteção, seja contra as ISTs e a gravidez indesejada, seja para o reconhecimento de formas de abuso sexual e demais tipos de violência. Esses casos, muitas vezes, acabam sendo acobertados pela falta de informações seguras, de localização de serviços de proteção e até de uma rede de apoio de confiança. Essas orientações também podem empoderar essas jovens a tomarem decisões e fazerem escolhas sobre como desejam viver a sua vida, as relações com seu corpo, com seus parceiros, com suas identificações e afins.

As ISTs são adquiridas principalmente através do ato sexual sem proteção, ou seja, sem o uso de camisinha, e negociar o uso do preservativo nem sempre é tarefa fácil; essa também precisa ser uma responsabilidade do Estado, por intermédio das instituições públicas e privadas de educação e saúde. Outro elemento a ser considerado é que a falta de conhecimento, de manejo e de espaços de acolhimento diante de dúvidas e estigmas também são fatores que contribuem para que adolescentes e jovens se encontrem nesse tipo de situação. Conforme apontam as entrevistadas, o diálogo é essencial para a prevenção e a proteção contra as ISTs.

Para a pessoa se prevenir, ter noção... aprender [Noção de quê?] Das doenças que pegam....de tudo. E sobre os riscos que corre (Carol, 17 anos).

A gente descobre... a gente é... pode acontecer que a gente possa ter uma doença... sexualmente transmissível, por não saber antes (Natália, 18 anos).

Para ficar sabendo, né. Que tem várias doenças pesadas, aí, que pode até levar a morte (Bárbara, 17 anos).

Como afirmam Moura *et al.* (2022), é preciso compreender que essa falta não apenas de informação, mas de entendimento sobre o corpo e sobre as nossas relações com o meio gera resquícios que se manifestam de forma diferente entre os gêneros. Para as mulheres, durante anos foram estabelecidas regras que as colocavam em uma posição de passividade frente a decisões relacionadas, muitas vezes, até ao próprio corpo. Dessa maneira, a forma como essa mulher se relacionava com seu parceiro e até a definição de escolhas que mudariam o seu cotidiano — como, por exemplo, ter filhos — eram atribuídas sempre a outros papéis e representações. Assim, é preciso retomar o empoderamento dessas mulheres frente a elas próprias, garantindo o acesso a informações e ao autoconhecimento, proporcionando escolhas mais justas e equivalentes aos seus anseios.

Assim como as ISTs, a gravidez indesejada também é oriunda da ausência de uso de métodos contraceptivos e da falta de diálogos sobre educação sexual — diálogos estes que também podem contar com a aproximação da família e de demais pessoas significativas para essas jovens. Isso atribui uma coletividade necessária frente a uma questão de saúde pública. A articulação entre pessoas, instituições e serviços das demais áreas sociais fortalece a segurança e as escolhas das pessoas frente aos dilemas da sociedade. Assim, é preciso oportunizar que cada vez mais espaços possam discutir essas temáticas, oferecendo a maturação necessária frente às opções de modos de vida (Gonçalves; Faleiro; Malafaia, 2013).

Seguindo neste ponto, as participantes relatam a importância desse conhecimento frente às consequências que isso pode gerar em sua vida, para além do corpo. Inicia-se, assim, um processo de educação desenvolvido por e para elas mesmas. É o que segue sendo relatado a seguir:

Por que...a gente precisa aprender sobre isso, saber sobre isso, é... hoje em dia muitas meninas têm engravidado e tudo (Diana, 17 anos).

Durante a pesquisa, as participantes relatavam receio frente não apenas às infecções sexuais, mas também às violências atreladas ao gênero feminino. O compreender-se como mulher ainda passa por julgamentos sociais amparados em uma moralidade conservadora. Esse posicionamento é resultado da ausência de políticas públicas que levem não apenas informação, mas que reafirmem a essas jovens como elas podem vivenciar sua própria feminilidade.

O abuso sexual também foi um dos pontos revelados e discutidos pelas participantes. Este tipo de violência é outro assunto que se tornou cada vez mais presente na vida de adolescentes e jovens, seja por já terem sofrido, seja por conhecerem alguém próximo que vive nessa situação. Vale destacar que muitas vezes a adolescente ou jovem nem sabe que está sofrendo esse tipo de violação. Isso ocorre por não haver diálogos que promovam informações confiáveis discutindo sobre o que é o abuso e, caso ele aconteça, a quem recorrer ou a quais

órgãos a notificação deve ser feita. A fala a seguir reflete um pouco dessas dificuldades de identificação e compreensão desses abusos:

E, também tem gente que sofre muito com essas coisas, e às vezes nem (...) não sabe que 'tá' sofrendo algum tipo de abuso, e essas coisas. E se for conversado, a pessoa vai ter mais ideia do que é certo (Stéphanie, 18 anos).

A violência sexual contra mulheres tem crescido cada vez mais no Brasil. Isso é demonstrado pelo aumento no número de notificações desse tipo de agressão junto aos órgãos competentes. Apesar de o sistema registrar essas vulnerabilidades, esse cenário evidencia o quanto a sociedade brasileira ainda escancara a misoginia e ressalta as fragilidades vivenciadas por diversas jovens mulheres. Além do mais, essas situações estão acompanhadas de um intenso sofrimento, o que impõe ao poder público o desafio de amparar essas juventudes. Isso também deve vir acompanhado de mais políticas que combatam comportamentos geradores dessa violência, propiciando uma vivência juvenil plena e saudável a essas mulheres (Viana *et al.*, 2022).

Desse modo, entende-se que a ausência de uma educação sexual torna vulnerável a vida de adolescentes e jovens, pois, sem orientações e informações seguras, iniciarão a prática sexual sem meios de prevenção. Com isso, ficam mais sujeitos a contrair ISTs, a passar por uma gravidez indesejada, pelo aborto e pela violência sexual, que podem colaborar para o surgimento de traumas emocionais e psicológicos (Gonçalves *et al.*, 2016). Portanto, é fundamental uma educação sexual de qualidade para que possa ser vivida uma sexualidade saudável, como afirma Silva (2019, p. 9):

[...] através das instruções adequadas, em uma perspectiva de construção de empoderamento, as adolescentes poderão compreender corretamente, a partir de fontes confiáveis, os reais benefícios ou malefícios de elementos referentes à sexualidade, e poderão tomar decisões futuras de maneira consciente. Além disso, a percepção de possíveis desrespeitos, assédios ou violações contra os seus corpos serão mais rapidamente observadas e, conseqüentemente, mais rapidamente tomadas as providências cabíveis.

De acordo com os depoimentos das adolescentes e jovens, o sexo é considerado uma experiência natural do ser humano. Ele é inerente à vida, ao prazer, aos desejos e à reprodução humana. Os seguintes depoimentos reiteram como as participantes enxergam e encaram esta questão:

É um assunto, que acho que... todo mundo vai passar por isso (Juba, 18 anos).

É uma coisa que vai acontecer com todo mundo (Mariana, 16 anos).

A partir dele a gente pode criar uma família (...) e... é claro, também prazer (Natália, 18 anos).

As construções sobre como o sexo é compreendido também fazem parte da sexualidade humana. Assim, as jovens que participaram deste estudo apresentam não apenas a sua ótica, mas como esses comportamentos sexuais revelam seus desejos e a forma como pretendem vivenciá-los. É importante destacar que esses comportamentos sexuais não abarcam toda a dimensão da sexualidade, mas compreender como essas jovens pensam sobre isso é elementar para a construção

de uma educação sexual e para o fortalecimento de atitudes seguras e confortáveis frente às experiências sexuais.

Determinadas crenças podem estabelecer a forma como esses adolescentes se comportam frente ao sexo. Por isso, é fundamental conhecer essas visões e, acima de tudo, entender como esse conhecimento é construído. Por meio de quais bases eles se sustentam? Como essa juventude acaba incorporando esses discursos à sua subjetividade? De onde vêm esses dizeres que influenciam os comportamentos sexuais? Esses questionamentos precisam ser feitos diante de uma prática que vise entender e apoiar esses jovens. Até porque isso também impacta diretamente o bem-estar físico e psíquico (Santos, 2022).

A adolescência e a juventude consistem em um período de transformações biopsicossociais que prepara os indivíduos para a vida adulta. É nesse período que se desperta o interesse em explorar a própria sexualidade, assim como começa a se desenvolver o desejo pelo outro. A busca pelo conhecimento de si mesmo se torna mais do que necessária, pois direciona ideias, pensamentos, experiências e quais caminhos são interessantes para essa juventude (Silva; Castro, 2018). E são essas situações que inquietam essas jovens. Em suas confidências, as participantes discorrem sobre esse processo de autodescoberta que é único e empoderador ao mesmo tempo, como relatado a seguir:

A pessoa precisa saber o que acontece com o seu corpo, o que acontece... e, porque acontece. Porque querendo ou não. A gente... vai descobrir algum dia também (Natália, 18 anos).

O ESPAÇO E AS RELAÇÕES POSSÍVEIS PARA A ESCUTA JUVENIL FEMININA

Outro aspecto bastante evidenciado nos depoimentos diz respeito à questão do respeito. A conversa sobre aspectos que compreendem noções sobre gênero e sexualidade pode promover construções na autoestima dessas jovens. Isso pode gerar uma reação em cadeia positiva, na qual são praticadas ações empáticas frente às demais jovens, em que, mesmo sendo cada uma diferente das outras, é possível a construção de grupos e coletivos entre elas.

Para pessoa saber, ter respeito e tudo (Bárbara, 17 anos).

Porque aprende a gente ter mais empatia pelas pessoas e respeito (Juba, 18 anos).

A construção do respeito, portanto, tornou-se, segundo as participantes, a principal ferramenta de convivência entre elas. Isso promove uma troca afetiva, possibilitando compreender que, apesar das diferenças, as mudanças enfrentadas nesta fase do desenvolvimento também são sentidas por outras garotas. Claro que cada uma traz atravessamentos particulares; entretanto, cultivar essa empatia as coloca em um lugar de acolhimento — acolhimento este, muitas vezes, não sentido em outros lugares e por outras pessoas. Por isso, o apoio mútuo funciona como uma base fundamental.

Durante essa fase da adolescência, é bastante comum as(os) jovens buscarem figuras de apoio e reflexos para suas atitudes e comportamentos. Suas ações, portanto, podem ser influenciadas com base no meio no qual se encontram inseridas(os), ditando, assim, como se portar frente à comunidade. Esses

elementos vão fazendo parte da construção da sua identidade, refletindo, assim, em como serão definidos pelos demais (Amaral *et al.*, 2017).

Como afirma Butler (2003), não se pode falar de gênero da maneira mais singular possível. O gênero é uma construção plural e diversa, a partir da qual essas identidades humanas são constantemente analisadas, inserindo e excluindo essas subjetividades a partir do momento em que a pessoa passa a vivenciar e a construir entendimentos sobre si e sobre o mundo. Não se trata de cristalizar uma definição permanente, mas de possibilitar que essas identidades sejam desconstruídas, tornando-se congruentes com as singularidades de quem se queira tornar.

As adolescentes e jovens também discorrem sobre a importância de pensar e refletir sobre as escolhas das outras. Por meio das trocas, fundamentais para o entendimento sobre sua identidade e a forma de expressão de seus desejos, essas jovens podem se identificar e, acima de tudo, encontrar a representatividade necessária para o fortalecimento da sua subjetividade. Neste ponto da pesquisa, é possível compreender a existência de diversas identidades de gênero e orientações sexuais, as quais as participantes demonstram ser essenciais para a sua própria descoberta.

Bom... eu acho que, é importante que hoje a gente está vivendo (...) muitas pessoas tem escolhido outro sexo, tem seguido outras coisas, então eu acho importante a gente falar sobre sexualidade, que cada um sente à vontade de fazer o... querer ser, acho que é importante sim (Lia, 17 anos).

É, importante por que na sociedade não tem só pessoas são héteros ou que são só bis, é importante saber também, por causa do outro (...) Por que a gente não vive numa sociedade só com a gente de pessoas que só pensa como a gente, vão ter pessoas que vão chegar e... vão falar. Vão ter opiniões diferentes que a gente viveu (Beatriz, 18 anos).

As jovens e adolescentes participantes deste estudo mostram o quão conectadas estão a uma sociedade mais diversa. Assim, rótulos e demais estigmas são abandonados, dando espaço para a afirmação dos seus ideais e dos seus objetivos. Claro que elas se mostram conscientes sobre o quanto a sociedade impacta as escolhas e como ainda é possível encontrar pensamentos retrógrados e conservadores. Contudo, não se trata apenas de uma insistência comum, mas da defesa do direito de ser quem se é, ainda que isso vá em contraponto a muitos desejos e vontades de terceiros frente ao seu gênero e à forma de viver a sua sexualidade.

A expressão da sua identidade é uma questão fundamental para a jovem, sendo inclusive ressaltada em espaços nos quais essa juventude se encontra inserida, como a escola. Apesar das normas que possam ser estabelecidas, diminuindo suas formas de expressão e afetividade, torna-se muito importante para essa juventude encontrar espaços e maneiras singulares nos quais se sintam bem e confortável para exercer seus gostos e seus desejos. Promover uma educação voltada para isso diminui a possibilidade de manutenção de discursos discriminatórios que possam excluir essa juventude ou impedi-la de se fazer presente nesses espaços coletivos (Silva, 2022).

Para as jovens participantes deste estudo, a reiteração da sua subjetividade é um direito que não pode ser renegado. A partir do momento em que essas adolescentes compreendem mais sobre si mesmas, o direito de exercer a sua afetividade da maneira que acharem mais condizente consigo mesmas deve ser

respeitado. A pluralidade acaba sendo o mantra defendido por essas jovens, possibilitando o acolhimento e a presença de uma juventude diversa.

Por que eu acho que a pessoa, tipo assim... tem muita gente que se esconde, né. No caso que, se a senhora tiver falando sobre isso, tipo assim... eu acho que se esconder, não é a melhor opção, não. Eu acho que a pessoa tem que conversar para saber se é aquilo mesmo que a pessoa (...) Uma vez teve uma... palestra de um pessoal, que “tava” falando sobre isso, muitas meninas, que eu nem sabia que eram lésbicas, se pronunciaram... aí, eu achei bem interessante, porque... tipo assim, é como se desse esse espaço para eles se abrirem, e foi muita gente viu... foi muita gente que ouviu, muita gente que não é assumida no caso (Diana, 17 anos).

Por que, existe muita homofobia, pessoas tem muito é... preconceito em relação os... dos... Ah! Não gosta da mesma que eu... quero andar hum... julga a pessoa gostar do mesmo sexo, eu acho que isso, besteira. O importante é que a pessoa goste de boa (Mariana, 16 anos).

Apesar das violências e dos discursos que atravessam o cotidiano dessas jovens, elas apostam no seu direito e no da outra. Isso colabora para a construção de uma geração não apenas unida, mas aberta à diversidade. É nessa pluralidade que a juventude se permite dizer e viver como achar mais conveniente, construindo sua identidade e seus planos futuros, e estabelecendo em qual adulta irá se converter daqui a alguns anos. A luta aqui não é por igualdade; ao contrário, é pelo direito à diferença.

O patriarcado aparece em todos os tipos de relações e estruturas desenvolvidas pelo sistema; dessa forma, falar de gênero e sexualidade é também olhar para essa construção coletiva e estabelecida na desigualdade. É preciso analisar e entender desde como as pessoas (sobre)vivem até quais papéis representam neste mundo social. Por isso, é necessário que se tome consciência dessas estruturas, para que, assim, seja possível uma mudança para além do individual, usufruída por todas as pessoas que compõem uma comunidade (Biroli; Miguel, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou uma prática comum, mas necessária em todos os âmbitos sociais: a escuta. Enquanto se estabelecem estigmas em que os jovens não devem ser levados a sério, eles acabam pagando por essa negligência. E, quando se fala de jovens do gênero feminino, é mais notória ainda essa displicência. Do que as pessoas têm medo? Como o acesso a uma fala/escuta pode ser considerado tão letal e estigmatizante? As confidências presentes neste texto engajam a oportunidade de ouvir essas meninas, possibilitando compreender seus olhares próprios diante da sua subjetividade.

Por meio dos discursos obtidos aqui, é observável o quanto isso, na verdade, não passa apenas de uma visão arcaica e sustentada no machismo e no patriarcado. Enquanto isso, essas jovens passam a se articular, estabelecendo uma rede de contato umas com as outras. Experimentando, vivendo, descobrindo, fazendo escolhas, arrependendo-se ou não, mas, acima de tudo, sendo fiéis ao seu corpo e às suas ideias.

Ações oriundas do método desta pesquisa devem ser multiplicadas, para que essas adolescentes e jovens que ainda não possuem entendimento de si mesmas ou esperam apoio e compreensão sobre as dúvidas que possuem possam ser validadas, propiciando, assim, uma geração empoderada, com autoconhecimento e transformadora.

Visando a uma apresentação coerente e de alta qualidade da publicação dos Cadernos de Gênero e Tecnologia, solicitamos às autoras e aos autores que sigam os critérios e características técnicas, as orientações de estilo e formatação de texto apresentadas neste documento. O modo mais simples de fazê-lo é substituir o conteúdo do modelo pelo de seu artigo, cuidando para não adicionar novos estilos ou redefinir os estilos do modelo.

Confidences of young black females on gender and sexuality

ABSTRACT

Facing so many restrictions and prohibitions regarding themes such as gender and sexuality, this study not only addresses this issue, but also focuses on how young females and adolescents understand this universe. The objective of the study is to analyze how promoting dialogues about gender and sexuality among female youth impacts the formation of their identity and other aspects concerning their social participation. This is a qualitative, field-collected, descriptive, exploratory, and interpretive research. The results pointed to a lack of knowledge regarding issues involving identity construction, relationships, and risk exposure in light of experiencing their desires and sexuality. It concludes that listening to these confidences is necessary, aiding in the understanding of a particular universe to which each of these young women belongs.

KEYWORDS: Women. Motherhood. Higher Education. Science.

Confidencias juveniles femeninas negras sobre género y sexualidad

RESUMÉN

Ante tantas restricciones e interdicciones en torno a temáticas como el género y la sexualidad, este trabajo surge no solo en torno a esta cuestión, sino que también se orienta a cómo las jóvenes y adolescentes del género femenino comprenden este universo. El objetivo del trabajo consiste en analizar cómo la promoción de diálogos sobre género y sexualidad en la juventud femenina impacta en la formación de su identidad y demás aspectos referentes a su participación social. Se trata de una investigación de enfoque cualitativo, con datos recolectados en campo, de tipo descriptivo, exploratorio e interpretativo. Los resultados señalaron el desconocimiento sobre cuestiones que involucran la construcción de la identidad, las relaciones y la exposición a riesgos ante las vivencias de sus deseos y de su sexualidad. Se concluye la necesidad de escuchar estas confidencias, auxiliando en la comprensión de un universo particular al que pertenece cada una de estas jóvenes.

PALABRAS CLAVE: Mujeres. Maternidad. Educación Superior. Ciencia.

REFERÊNCIAS

- ABREU, L. D. P. *et al.* Cuidado de enfermagem na relação saber/poder e sexualidade junto a juventude escolar via rádio. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S. l.], v. 9, p. e54, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.
- ALVES, R. S. S. *et al.* Gravidez na adolescência: contribuições dos profissionais de saúde frente à educação sexual e reprodutiva. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e20010211282, 2021.
- AMARAL, A. M. S. *et al.* Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 62-67, 2017.
- BARBOSA-SILVA, L.; PEREIRA, Á.; ALVES, F. A. Reflexões sobre os conceitos de adolescência e juventude: uma revisão integrativa. **Revista Prática Docente**, v. 6, n. 1, p. e026, 2021.
- BETTONI, S. N.; TORRES, M.; MARTINS, W. Fatores associados ao início da atividade sexual na adolescência: uma revisão integrativa da literatura. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 12, p. e3122328, 2022.
- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça e classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *In*: MARQUES, D.; TRINDADE, T. A. (org.). **Poder e desigualdades: gênero, raça e classe na política brasileira**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.
- BRASIL. **Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016**. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Saúde, remaneja cargos em comissão e funções gratificadas e substitui cargos em comissão do Grupo Direção e Assessoramento Superiores - DAS por Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal: saúde, direitos sexuais e direitos reprodutivos de adolescentes e jovens**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, L. G. L.; JARDIM, M. C.; GUIMARÃES, A. P. M. Educação sexual na perspectiva dos temas transversais: uma revisão de literatura. **Educationis**, v. 7, n. 2, p. 19-29, 2019.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014. v. 1.

FURLANETTO, M. F. *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

GONÇALVES, R. C. *et al.* Família e escola no processo de educação sexual: a concepção dos adolescentes de uma escola pública estadual (Pires do Rio, Goiás). **Multi-Science Journal**, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 38-46, 2016.

MEDEIROS, P. C. S. *et al.* Puberdade precoce e as consequências emocionais no desenvolvimento infantil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e7127, 2021.

MOURA, S. L. O. *et al.* Relações de gênero e poder no contexto das vulnerabilidades de mulheres às infecções sexualmente transmissíveis. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e210546, 2022.

NASCIMENTO, M. A. C. *et al.* I Speak, You Speak, Nobody Listens: conversations about sex and sexuality among teenagers and adolescents in the school space. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e386985852, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

PAREDES, J. El feminismo comunitario: la creación de un pensamiento propio. **Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana**, v. 7, n. 1, 2017.

ROSENBAUM, S. D. G.; SABBAG, S. P. Questionamentos contemporâneos sobre a sexualidade feminina: considerações a respeito dos aspectos culturais, sociais, biológicos e emocionais. **International Journal of Health Management Review**, v. 6, n. 1, 2020.

SANTOS, J. P. C. **Comportamentos sexuais na adolescência**. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Lusíada, Lisboa, 2022.

SILVA, B. C.; CASTRO, R. D. Diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes dentro do contexto familiar. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 2, 2018.

SILVA, B. V. M. Diálogo familiar e sexualidade na adolescência: contribuições para a construção do empoderamento feminino. *In*: DESFAZENDO GÊNERO, 4., 2019, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

SILVA, P. S. **A construção da homossexualidade nos espaços escolares: vivências e descobertas**. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2022.

VIANA, V. A. O. *et al.* Tendência temporal da violência sexual contra mulheres adolescentes no Brasil, 2011-2018. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 2363-2371, 2022.

Recebido: 05/10/2023.

Aprovado: 20/11/2023.

DOI: 10.3895/cgt.v17n48/49.16918.

Como citar: MOTA, Savina Evangelista da Silva *et al.* Confidências juvenis femininas negras sobre gênero e sexualidade. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 17, n. 48/49. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 20 mai. 2026.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

